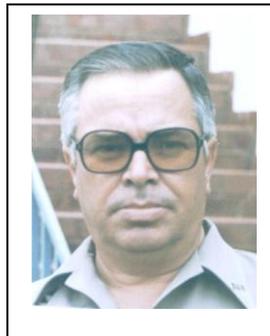


FHE | POUPEX

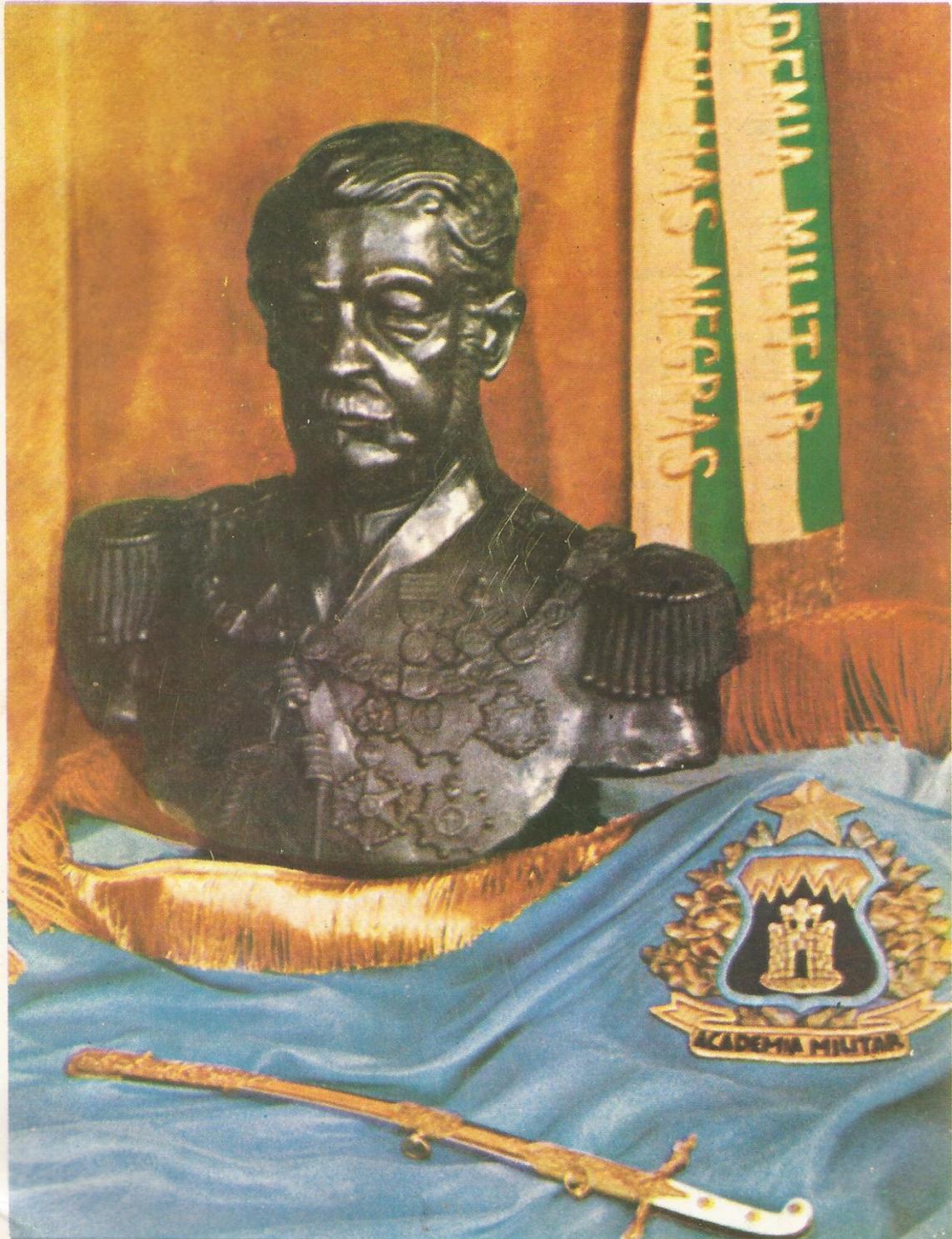
REFLEXOS DA HISTÓRIA SOBRE A DOCTRINA MILITAR, SEGUNDO O CEL INF QEMA FRANCISCO RUAS SANTOS EM 1973



Historiador Militar e Jornalista, Presidente e Fundador da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS) e da Academia Canguçuense de História (ACANDHIS) e sócio benemérito do Instituto de História e Geografia Militar e História Militar do Brasil (IGHMB) e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e correspondente da Academias de História de Portugal, Espanha, Argentina e equivalentes do Uruguai e Paraguai integrou a Comissão de História do Exército do Estado-Maior do Exército 1971/1974. Presidente emérito fundador das academias Resendense e Itatiaense de História e sócio dos Institutos Históricos de São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina etc. Foi o 3º vice presidente do Instituto de Estudos Vale—paraibanos IEV no seu 13º Encontro em Resende e Itatiaia que coordenou o Simpósio sobre a Presença Militar no Vale do Paraíba, cujas comunicações reuniu em volumes dos quais existe exemplar no acervo da FAHIMTB doado a Academia Militar das Agulhas Negras. É Acadêmico e Presidente Emérito fundador das Academias Resende e Itatiaense de História, sendo que da última é Presidente emérito vitalício e também Presidente de Honra. Integrou a Comissão de História do Exército 1971-1974 e cursou a ECEME 1967/1969. E foi instrutor de História Militar na AMAN 1978-1980, onde integrou comissões a propósito dos centenários de morte do General Osório Marques do Herval e do Duque de Caxias. Comandou o 4º Batalhão de Engenharia de Combate em 1981-1982; E membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro com colaborações em sua revista e correspondente do Instituto Histórico de Petrópolis.

Artigo do do Cel Francisco Ruas Santo as p.69/86 da Revista da pagina seguinte por min digitalizado para ser colocado na Internet em Livros e Plaquetas no site da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil www.ahimtb.org.br e cópia impressa no acervo da FAHIMTB doado em Boletim Especial da AMAN nº 002 de 17 nov.2014 e integrado ao Programa PERGAMUM de bibliotecas do Exército. Revista na qual as p.61/69 publicamos a História do Espadim de Caxias, arma privativa dos cadetes do Exército e que motivou a capa da Revista e também disponibilizado no site da FAHIMTB.

REVISTA MILITAR BRASILEIRA





A DOCTRINA MILITAR

Gel Inf R/I Francisco Ruas Santos

Cel Inf R/I Francisco Ruas Santos. Escritor e historiador militar. Possui os cursos de Comando e Estado-Maior do Exército, Infantaria Avançada (Fort Benning, EUA) e Superior de Guerra (ESG). Presidiu a Comissão de História do Exército Brasileiro que preparou os textos da 1ª edição da "História do Exército Brasileiro — Perfil Militar de um Povo". Idealizador do Centro de Documentação do Exército. No Ministério dos Transportes reorganizou e dirigiu o Centro de Documentação e Publicação, transformando-o em Centro de Informática. Dedicou-se atualmente ao estudo de sistemas de informações e dirige o Centro de Informações Culturais do Rio de Janeiro. É sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, sócio benemérito do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil e sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Foi o introdutor na AMAN do ensino de História Militar Crítico à luz dos Fundamentos da Arte e Ciências Militares sobre a orientação do Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco e ambos veteranos da Força Expedicionária Brasileira.

Introdução

Por certo surpreenderei muitos dos que me ouvem, pois conduzirei o trabalho para **o campo das Informações Militares**. Não tanto porque eu seja, desde 1973, pessoa inteiramente dedicada às informações, em especial as do campo cultural e aos sistemas de informações. **Mas, sim, em decorrência da meditação que venho fazendo, desde aquele ano, sobre aquilo que eu e muitos outros companheiros de estado-maior fizemos no campo das convencionais História e Geografia Militares.**

Cheguei, assim, à conclusão firme de que esses dois termos **deviam ter sido banidos da nossa terminologia militar, pela carga de pretensão e, até mesmo, de falsidade que encerram, quando inseridos no contexto do nosso Exército.**

A História como ciência

História, seja a de que tipo for, assim como a Geografia, é disciplina que exige, em países culturalmente mais desenvolvidos do que o nosso, e desde muito tempo, **de quatro a cinco anos de estudo em tempo integral**. Entre nós, a História só começou a

ser ensinada em nível de graduação, com a criação das faculdades de ciências e letras, a partir da década de 1930, isto é, há pouco mais de quarenta anos e, assim mesmo, para as poucas faculdades pioneiras.

Depois da graduação, para aqueles que não vão ser exclusivamente professores, o estudo prossegue com o mestrado e o doutorado. **E só a partir do mestrado, está o profissional em condições de se intitular historiador**, assim mesmo se a isso faz jus com teses consagradas. Só, portanto, de uns 10 a 15 anos para cá é que pudemos ter historiadores brasileiros regularmente formados. A presença, no campo da história, dos chamados brasilianistas, em parte se explica pelo vazio que ainda existe no campo da historiografia brasileira, provocado pela vastidão do terreno a explorar, com fraca densidade de profissionais brasileiros nele trabalhando.

Ora, todos aqueles que, como eu, tiveram, por dever de ofício, de resolver questões de História ou de Geografia Militar, além, de serem amadores, diletantes, autodidatas ou profissionais improvisados, não podem pretender ser mais do que pessoas que se dedicaram a um dos muitos tipos de informação, **as informações histórico-geográfico-militares**.

Evidentemente, há exceções, as de oficiais, como Tasso Fragoso, que, por intuição e demorada aplicação puderam alçar-se à posição de historiador, antes mesmo do aparecimento daqueles cursos formais de História. Mas, como exceções, não devem ser invocadas para dar lastro à crença, muito e há longo tempo difundida, de que **as questões de História Militar podem ser resolvidas com a "prata-de-casa"**.

Querem provas? Começemos pelas demonstrações de fora.

A elaboração histórica

Quando os Estados Unidos entraram na Segunda Guerra Mundial, esquematizaram o que deveria ser o registro dos fatos de que seu Exército já estava participando e iria participar. A elaboração das narrativas das operações foi prevista em tantos volumes quantos fossem necessários para cobrir um episódio completo a nível de exército de campanha. Assim, mal a guerra terminou, saía o primeiro volume, de uma série de noventa e tantos, tratando da campanha de **Gualdacanal, "a primeira batalha"**.

Onde estão os dois ou três volumes em que o nosso Exército deveria ter compendiado toda a experiência da FEB? Dirse-á: em 1943-5 não havia uma **5.ª Seção (História)**. **Esta foi recriada em 1950. Talvez em 1978, se continuasse, poderia ter feito publicar essa história militar, para a qual seriam subsídios valiosos estudos e pesquisas feitos pela ECEME**. Esses trabalhos, quando comparados com a A FEB pelo seu Comandante, evidenciam que este — sem chegar o seu valor muito bom de relato — não pode ser utilizado, de modo exclusivo, **como história pragmática**, isto é, **a serviço da doutrina**. Mas digo que, se o Exército tivesse publicado tal história da FEB, o teria feito como exceção também, a despeito dos subsídios fornecidos pela ECEME, pelos seguintes motivos: o episódio FEB é um dos raros que na conjuntura presente da História do Brasil, em especial de suas fontes, pode ser completamente dominado: na quadra de 1945-60, ainda possuíamos número relativamente elevado de militares que, pelo **autodidatismo, estavam capacitados para fazer uma abordagem razoável de um caso histórico**: e muito em particular porque, em 1949, havia aparecido o livro, hoje clássico, **Teoria da História do Brasil**, do historiador José Honório Rodrigues, aliás acaso consequente de sua especialização em **História nos Estados Unidos**.

E hoje? Deixo que a resposta surja da nossa meditação. **Apenas lembro que os veteranos da FEB estão morrendo, e pergunto mais: quem está gravando, de modo sistemático, como deve ser, seus depoimentos insubstituíveis? Esse trabalho devia estar sendo feito, desde 1945, por escrito, e, desde 1970, em fita magnética, por um órgão de documentação.**

Afinal, o que se pretende com o **domínio sistemático das fontes históricas é a reconstrução científica, e de preferência imediata, dos fatos históricos militares.** Para que bem se perceba o alcance disso, **vejamos algumas consequências malélicas da ignorância do fato histórico militar, estabelecendo o contraste com a aplicação oportuna das lições que ele pode propiciar.**

O aproveitamento das lições da História

Quando o Governo decidiu liquidar pelas armas o problema Canudos, enviou contra o arraial a primeira expedição militar, uma companhia de infantaria comandada pelo Tenente Pires Ferreira. Surpreendida pelos jagunços, e sem apoio logístico, ela retirou-se para Salvador depois do sangrento combate de **Uauá**. Na capital baiana, Pires Ferreira relatou o ocorrido.

Arma-se a segunda expedição, com o valor de um batalhão de infantaria apoiado por artilharia, sob o comando do Major Febrônio de Brito. Nada, praticamente, na organização dessa força refletia os ensinamentos sangrentamente colhidos na expedição anterior. Febrônio foi batido e regressou para Salvador, onde também narrou o que acontecera. De modo erudito, mas irrealista, faz em sua parte de combate uma comparação do feito com outro de outras terras. Era um lampejo tardio da História Militar, resto de um estudo acadêmico ou leitura de dileitante, que em nada valorizava a grande experiência que vivera e que cumpria aproveitar.

E também não foi usada pelo chefe da terceira expedição, o bravo, mas malgrado Moreira César.

Este, preocupado em demonstrar seu valor militar, jamais se deteria ou retardaria sob a alegação de estudar e aproveitar as experiências anteriores, à luz das fontes históricas, vivíssimas ainda em Salvador. É evidente que a responsabilidade maior por estes fatos tocava ao chefe militar que comandava o Distrito ali sediado, também omisso quanto ao aproveitamento da experiência colhida.

Todos sabemos do trágico desfecho da expedição Moreira César, tanto pelas perdas que sofreu, quanto, principalmente, pelas que iria motivar na expedição seguinte, pois os jagunços se apoderaram do seu armamento e munição, isto é, ficaram com os dois grandes fatores que iriam permitir-lhes prolongar a luta por meses.

A quarta expedição também não se ajustou, inicialmente, **às lições da História e Geografia Militares** evidenciadas no teatro de operações. E, por isso, só numa jornada, a coluna Artur Oscar teve mais mortos do que os da FEB em um ano de operações, em teatro aliás com elevado índice de perdas na Infantaria.

A adaptação às condições da luta — **digamos, a criação de uma doutrina — foi feita sob o fogo, depois do pagamento do inestimável preço do sangue e do sacrifício.** Assim, em torno de Canudos, em abrigos de troncos e terra, trocaram-se os uniformes garance por vestimentas improvisadas, análogas às dos guerrilheiros do arraial. A infantaria não mais poderia progredir em linhas de atiradores densas e, sim, em linhas irregulares de homens infiltrados nos abrigos ou cobertas naturais. Não haveria mais aquela falsa beleza das batalhas em que os chefes, a cavalo,

enquadrados por massas de combatentes, buscavam levar o inimigo de roldão. Humildemente, ao contrário de Moreira César, os chefes apearam e rastejaram com seus infantes, dobrando-se às condições que o adversário e o terreno impunham. Enfim, uma vez mais a doutrina, como reflexo da História e da Geografia.

Mudemos o quadro, passando para o da Guerra Holandesa.

Por que razão os holandeses não mativeram o seu domínio no Nordeste? Simplesmente porque os nossos guerrilheiros, combatendo às vezes em combinação com a tropa regular, opuseram-lhes um modo de luta que eles foram incapazes de assimilar doutrinariamente. E, mesmo que o tivessem feito, ainda assim nada teriam conseguido, porque lhes faltou o elemento humano equivalente pelo menos ao combatente nordestino.

Outra grande lição doutrinária portanto: o homem é quase tudo nesse tipo de guerra. Considerar esse fator é outra das grandes missões da História Militar a serviço da Doutrina.

Voltemos ao caso norte-americano.

A última guerra da Coréia foi deflagrada em 1950. Nesse ano e no seguinte, os americanos e sul-coreanos, primeiro, depois esses e outros, dentro da força da ONU, combateram porfiadamente para a contenção do adversário.

Em 1952, quando das conversações de armistício, fui fazer o curso avançado de **Fort Benning**. Minha turma era dividida em duas partes, cada uma com uns 200 oficiais norte-americanos, entre os postos de coronel a capitão, sendo que o grosso era de oficiais superiores. Havia uma brilhantíssima constelação de **Silver Stars** (1), ostentadas por grande número desses 400 veteranos da Segunda Guerra Mundial e da guerra da Coréia.

No pavilhão de documentação, ocupando e contendo amplíssima área, estavam os arquivos da Infantaria. Ali se colecionavam relatórios condensando a experiência dos infantes ianques nos mais diversos conflitos e situações em todas as partes do mundo.

A Escola exigia que seus alunos, como trabalho curricular, apresentassem uma monografia, de preferência sobre sua experiência em campanha. Era o trabalho de maior peso e o mais severamente julgado.

Feita a apresentação em classe, os originais iam para aquele monumental arquivo e seus reflexos imediatos se faziam sentir na doutrina de emprego da arma.

Testemunhei, também, um desses reflexos na instrução do Curso Avançado.

A experiência coreana indicara que os oficiais de infantaria haviam, no entre guerras, se distanciado dos praças e por isso, não estavam avaliando corretamente as condições que estes estavam enfrentando em campanha. De modo que a nossa instrução se iniciava com a do grupo de combate; e aqueles veteranos heróis de duas guerras, emochilados e com o fuzil Garand, davam seus lances e rastejavam.

O contraste com a situação inicial de Canudos é chocante. Aqui, a adaptação se fez sob o fogo mortífero dos jagunços. Lá, sob o fogo de festim.

Todos conhecemos aquele célebre ditado segundo o qual **ignorar as lições da História é correr o risco de revivê-la com sangue.** Nesses dois exemplos está o verso e o reverso do ditado.

Como corolário, o tempo de paz é a melhor quadra para se fazer com que a História contribua para a elaboração e o desenvolvimento da Doutrina. Podemos sintetizar isso, dizendo que todos os nossos manuais são a quinta-essência da História Militar, nossa e estrangeira.

As bases da História Militar e, conseqüentemente, da Doutrina Militar

Para desafio dos estados-maiores, **antes de se chegar à verdade histórica, que há de dar corpo à doutrina, existe um longo e difícil caminho a vencer. E que tem que ser vencido, pois só se pode construir boa doutrina com a verdade histórica.**

Primeiro, temos de reunir as fontes históricas e preservá-las, e nesse rol, entram desde documentos rabiscados sob o fogo inimigo, até as fitas magnéticas com gravações de depoimentos na calma da paz.

Isso é o mesmo que dizer: criar centro de documentação, órgão central de rede de documentação, por onde se distribuem essas fontes. É preciso analisar essas fontes, lançando-se mão das disciplinas auxiliares da História, e registrar o resultado, de modo que possa ser recuperado imediatamente pelos usuários das informações nelas contidas.

Em seguida, **vem a elaboração ou síntese histórica, feita em função de necessidades doutrinárias**, o que significa prévio estudo de prioridades. E, se a conjuntura evoluir em sentido inesperado, prioridades podem ser alteradas; mas as fontes históricas organizadas devem permitir responder, de pronto, a essas novas necessidades. **Sinto repetir que até hoje, não dominamos as fontes do conhecimento histórico brasileiro, seja as existentes no Brasil, seja as do estrangeiro, arquivos ibéricos em particular. Apesar dos esforços dos últimos decênios, já sob o influxo do ensino metodizado e do número crescente de pesquisadores, continuam de pé as afirmativas de Capistrano de Abreu em 1920:**

"No Brasil não precisamos de história, precisamos de documentos". "A História do Brasil dá a idéia de uma casa edificada na areia. É uma pessoa encostar-se numa parede por mais reforçada que pareça e lá vem abaixo toda a grampiola".

Ora, uma das funções da História é dar-nos a conhecer o Homem. Dizendo o que o Homem fez, mostra-nos o que ele pode fazer e, assim, evidencia o que ele é.

Se não conhecermos o caráter do brasileiro através da História, qualquer construção doutrinária, que tem de sempre levá-lo em conta, será frágil.

Neste sentido, a História é presente e futuro, e praticamente mais futuro. **É engano lamentável imaginar que História é só passado.** Muito pelo contrário, e de acordo com outra corrente de pensamento, outra das funções da História **é a de catarse, isto é, libertação do homem quanto aos seus complexos pretéritos e, assim, a de equipá-lo melhor para caminhar na direção do futuro.**

Em síntese, o passado em História nada mais é do que uma boa plataforma que o seu estudo prepara, a fim de propiciar o salto seguro na direção de objetivos além.

Dada a complexidade do estudo da História, em qualquer dos seus setores, ao profissional da História, e não ao profissional militar, deve caber o preparo dessa plataforma.

Ao oficial, sobretudo ao oficial de estado-maior e no âmbito deste Estado-Maior do Exército, compete apenas definir os objetivos militares a atingir no campo da doutrina. Por outras palavras, aos profissionais militares compete dar aos informes históricos o sentido de informação militar, histórico-militar no caso. E, fixado esse vetor, associá-lo aos outros vetores de informação, como o apresentado por estudos aprofundados do caráter nacional — vetor psicossocial, por exemplo, pois hoje

em dia, mais do que antes, temos a consciência de que a informação é uma relação entre conjuntos, além de multifacetada e multiimbricada.

Em toda essa argumentação repousa a solução que, em 1972-3, como Presidente da Comissão de História do Exército Brasileiro, preconizamos para a resolução do problema doutrinário: criação do **Centro de Documentação do Exército**, a fim de reunir e preservar documentos militares, de modo a que profissionais civis os analisassem e apresentassem matéria-prima elaborada, **a aproveitar como informação pelos oficiais de Estado-Maior, no Centro, no EME, ou nas Escolas.**

Em tal solução racional e lógica, fundada em nossa longa experiência, nós nos aproximaríamos — mas não a copiaríamos — da solução norte-americana e de outros países mais desenvolvidos culturalmente. Isto é, a experiência alheia, já sedimentada, sancionava a nossa incipiente solução.

O sistema de informações histórico-militares e geográfico-militares e a rede de documentação de apoio

Quando sabemos que hoje, muito mais do que no passado, e, no futuro, muito mais do que no presente, as informações, de qualquer tipo e em qualquer campo, só podem ser dominadas em SISTEMA; e **considerando a recriação da Seção de Geografia e História no EME (SD-3)**, preconizamos:

- a) a implantação do sistema de informações histórico-militares e geográfico-militares, tendo como órgão central o Estado-Maior do Exército e, como base logística, a rede de documentação constituída pelos acervos existentes no Centro de Documentação e demais organizações militares;
- b) a geração, no âmbito do Centro, de um banco de dados pertinentes a essa documentação, mediante prioridades estabelecidas pelo EME;
- c) a longo prazo, a ligação desse banco com as demais OM, através de terminais de teleprocessamento, para a armazenagem e recuperação da informação;
- d) ainda a longo prazo, a elaboração de relatórios técnicos e o apoio à elaboração de manuais com fundamento no banco de dados e na rede de documentação.

Ao falar em **relatório técnico**, refiro-me a um tipo de documento que praticamente não existe hoje, mas será, por certo, a forma mais generalizada de captação da informação relevante e de disseminação seletiva da informação, na década de 1980, em todos os campos da informação.

Esse relatório não se apresentará, necessariamente, em forma escrita; antes, pelo contrário, será recuperado na tela dos vídeos dos terminais de teleprocessamento.

Se os informatas afirmam é porque sabem que a **humanidade não está ganhando a batalha da informação**. E não poderá vencê-la, a menos que controle e discipline a produção documental tradicional. Hoje em dia, ocorre, mundialmente, um tremendo paradoxo: **o crescimento da documentação se faz segundo uma curva exponencial, enquanto o da informação apresenta uma curva logística, quando devia ser o contrário**. Sobretudo, se pensarmos na *dramática explosão das informações*, contínua e em cadeia, dentro e **como consequência da Civilização Científica, Tecnológica e Industrial, em que vivemos de algumas décadas para cá.**

A Eletrônica é um dos recursos imprescindíveis para que o Mundo seja vitorioso nessa batalha que se trava e com perdas incalculáveis, como a do fracasso de um projeto. E não se pode precisar qual ou quais as informações que, tendo faltado, foram responsáveis por esse fracasso.

Outro meio indispensável: o sistema de informações. Não os sistemas atuais, mesmo os mais avançados como o nuclear e o médico, da Europa e dos Estados Unidos, porém outros relativamente aos quais os de hoje são apenas sistemas imperfeitos.

Para se vencer, na década de 80, essa batalha da informação, preconizam os melhores cientistas da Informação que providências revolucionárias devem ser tomadas *hoje*, sendo que esse hoje, para um deles, é 1973, **ano em que a organização para o desenvolvimento econômico e social dos países desenvolvidos do Ocidente — O.E.C.D. — tomou conhecimento dessas soluções necessárias (2).**

Eis porque, sendo o conferencista atualmente um soldado das fileiras dos combatentes que lutam para a consecução do domínio das informações, ousa afirmar que, além do sistema de informações histórico-militares e geográfico-militares, a serviço principalmente da Doutrina, sejam analisados os demais sistemas, para ajustá-los às necessidades do futuro. E mais: **o órgão central do Sistema de Informações Militares Terrestres**, como qualquer órgão central de sistema, **deve estar no nível do mais alto chefe de planejamento**. Logo, como a informação é uma relação entre conjuntos multiimbricados, nenhum dos sistemas de informações setoriais deve escapar à coordenação em nível de **Estado-Maior do Exército**, como o foi no passado, ainda que de forma embrionária.

A História Militar no Estado-Maior do Exército, à luz do moderno conceito de Informação

Acredito que podem concordar comigo quanto à essência do que vou dizer, quando verifico que o **conceito, aqui vigente, da informação histórico-militar, o do manual da Escola Superior de Guerra, e base do trabalho da SD-3 do EME, é substancialmente o nosso:**

"O estudo da História, particularmente da História Militar de uma nação, conduz a conclusões e levanta fatores capazes de influir na Expressão Militar do Poder Nacional. Campanhas militares, caminhos normais de penetração, erros e acertos, tradições e cultos a líderes e heróis trazem reflexos na formulação da doutrina, no moral e na estrutura militar, respeitada, é claro, a evolução do tempo".

E o que a evolução nos mostra, quanto à estrutura da Informação é que esta é um conjunto dinâmico de fatores, o qual pode ser graficamente representado por um círculo tendo inscritos círculos menores das informações ou fatores que a compõem. Qualquer alteração em um dos segmentos, provoca alterações no conjunto. Um exemplo, diz respeito à defesa do Nordeste, ameaçado por um ataque do Eixo, na Segunda Guerra Mundial. *Dada a penúria de meios, julgava-se que aquela região era indefensável ante a ofensiva de poderosa força anfíbia.*

Faltou nessa concepção o estudo da Guerra Holandesa: forças de guerrilheiros juntas com algumas forças regulares, haviam feito frustrar o domínio

da área, iniciado e alimentado com poderosas forças anfíbias das Províncias Unidas, desde 1630.

Notemos que cimentava a coesão das forças brasileiras valores espirituais como a **fidelidade ao Rei, a crença na Fé Católica — quando o inimigo era o hereje — e o amor à terra, que devia pertencer exclusivamente aos seus naturais, fossem brancos, negros, índios ou mestiços.**

Se aquele conceito da Escola Superior de Guerra teria validade universal custa-nos acreditar como a França, com todo o seu poder militar convencional, encontrou enormes dificuldades ante os guerrilheiros da Indochina. **E os acontecimentos posteriores, nesse mesmo teatro, evidenciaram que os Estados Unidos não se informaram devidamente em história recente.**

Isso nos faz meditar, e meditar sempre, sobre o valor das forças morais na guerra, especialmente quanto ao seu componente espiritual, e dos métodos de combate. Estes aspectos só podem ser profundamente avaliados se houver um suporte muito sólido nas informações entendidas em seu moderno conceito.

Os fatores espirituais e morais na guerra

A Diretriz 61/EME, de 1977, regulando as atividades no campo da História, só poderá, neste particular, apresentar os resultados que dela muito justamente se espera, **se o nosso Exército definir, para tudo e para todos, de alto e baixo, os valores espirituais e morais, além dos culturais, que constituem a base para sua atuação na paz e na guerra, por darem ao combatente a força morai de que não pode prescindir para deter e destruir o inimigo.**

Lembro-me que há alguns anos atrás, no Estado-Maior do Exército, estive o Cel Hermes Araújo Oliveira, do Exército Português, bastante conhecido como teórico da guerra revolucionária, e que então fazia verdadeira cruzada contra o expansionismo vermelho. Falou sobre a necessidade de detê-lo, em especial na África.

Nos debates, perguntei quais os valores que, no seu entender, deviam dar ao homem a força para esse tipo de combate. Sua resposta não me satisfez, porque decorria da crença de que ideologias opostas à comunista eram-lhe superiores e, como tal, se imporiam naturalmente. Além do mais, um bom profissional seria um bom militante da cruzada anticomunista, desde que tivesse fé nessa superioridade. Isto é, colocava-se numa posição triunfalista, que os acontecimentos **da "revolução dos cravos vermelhos" em breve iriam derrocar completamente.**

É claro que os nossos valores são superiores aos materialistas. A questão está em definir como eles podem, realmente, **dar consistência à força militar, do mais alto chefe ao último soldado.** Além disso, bravura, valor profissional, valor moral e conceitos dessa natureza são neutros. Bravos foram os soldados soviéticos na Segunda Guerra Mundial. Valor moral tinham os guerrilheiros comunistas de Tito.

Todos esses valores só deixarão de ser neutros e, como tal, válidos para qualquer combatente, se os completarmos com os verdadeiros e eternos valores, os espirituais.

Não é nosso propósito tratar de assunto tão grandioso. Devo, apenas, salientar **que cabe à História Militar a análise do quadro de valores espirituais do nosso Exército e concluir quanto à sua adequação ao tipo de luta em que o combatente brasileiro deve engajar-se.**

Em tal sentido vai um depoimento: os valores presentes na realidade militar em que vivi eram neutros. E, por isso, produziam profundas contradições e incongruências nessa realidade.

Os valores positivos foram os tradicionais, aqueles que cada um dos meus contemporâneos trazia de casa; e, por serem positivos e predominantes, deram consistência e cor aos valores morais neutros, sempre em função da força de caráter de cada pessoa.

Logo, persistindo tal situação, se os valores trazidos de casa forem os socialistas vermelhos, a lealdade do combatente poderá ser para com a foice e o martelo.

Portanto, muito antes de entrar o problema no quartel, deve ter sido equacionado e resolvido favoravelmente **na Família e na Escola**.

É o caso, então, de perguntar: como estão hoje aqueles valores tradicionais brasileiros e o que podemos fazer para desenvolvê-los?

Ocorre-nos que a pergunta possa ser respondida através de pesquisa de História Quantitativa, o que nos leva a tratar desse tipo de História.

Pesquisa de História Quantitativa e fixação de valores espirituais para o combatente

Vi, há pouco, estarecido, em **A Defesa Nacional**, estudo sobre o moral do combatente americano na guerra do Vietnã, feito por dois professores, antigos oficiais do Exército dos Estados Unidos (3).

Trata-se de trabalho de **História Quantitativa** no qual são avaliados indicadores de **desintegração — deserção, assassinato de oficiais e graduados pelos seus próprios camaradas, insubordinação e drogas**. Os números levantados não têm termo de comparação *com* os que se referem ao Exército Francês, combatente na mesma área e contra o mesmo inimigo, durante a guerra da Indochina. Principalmente, dizem, os autores porque o comando **francês não teria tolerado a fantástica rede de drogas admitida pelo norte-americano no Vietnã. Provou-se que diplomatas e o alto comando norte-americano não somente estavam cientes do envolvimento oficial vietnamita na trama das drogas, como, também, ocultavam os fatos e bloqueavam as investigações, cumplicidade ainda debitada à CIA, que transportou drogas do Laos para o Vietnã.**

Deixo aos leitores as conclusões acerca de tudo isso. O fato é que a **História Quantitativa** não foi capaz de determinar os fatores mais profundos que cercaram tal situação. Estava na crise americana daquela fase o filão a ser explorado pelo analista mais profundo, que trabalha com fatores mais profundos que as manifestações superficiais mensuráveis.

Mais adiante, os dois analistas citam trabalhos, ainda no terreno da **História Quantitativa**, deixando transparecer que para o corpo de oficiais norte-americanos da quadra, **Dever, Honra, Pátria eram valores apenas de "boca para fora"**, mesmo porque, no entender dos que foram ouvidos, **a consecução efetiva desses ideais poderia destruir uma carreira.**

Não é preciso *que* me estenda no resumo do trabalho, principalmente por que acredito que já tenha sido lido por vários oficiais. Lembro mais, apenas, que estudo feito pelo **Army War College**, ali citado, supere, à vista dos maus exemplos de cima; **os jovens oficiais se vêm forçados a escolher entre os ideais da carreira e o sucesso nesta.**

A grande Nação irmã, vencedora em todos os ângulos que se deseie analisar a Segunda Guerra Mundial sofria, agora, por razões diversas, o agravamento dos malefícios de seu pragmatismo e de sua "**filosofia do sucesso**". **Estes malefícios superaram temporariamente o tradicional valor do soldado norte-americano, autêntico representante, numa nação democrática, da própria sociedade na qual vivia.**

Neste caso a **História Quantitativa** apenas levantou fatores, mas foi incapaz de fazer sua síntese ou interpretação final, pois, mesmo na melhor das hipóteses, **a do uso de drogas para substituir o valor moral do combatente, temos de buscar a origem dessa crise.**

É aí que entra a **História Militar como poderoso auxiliar na prospectiva e na fixação das forças morais para o combatente, desempenhando a parte mais nobre e elevada da sua missão.** Pois, ao fazê-lo ela deve incursionar no terreno da **Filosofia da História** e de lá trazer os subsídios que, juntamente com os da **Psicologia Militar**, hão de impregnar a Doutrina Militar com os valores que lhe dão vida. Ressalta, nesta linha de raciocínio, **o valor da cultura geral na formação e aperfeiçoamento do moderno oficial.** Assim, quanto ao que respeita à **Teoria da História**, não posso deixar de alertar os que nela se iniciam sobre o perigo da tentação exercida pela **História Quantitativa.**

Voltando ao nosso exemplo, vemos que os autores do trabalho, apesar de ressalvarem que fatores da frente social interna devem ter influído na situação militar, ainda que em grau menor do que fatores militares, foram inteiramente omissos quanto às causas profundas da crise apresentada. Estas, aliás, não são mensuráveis, porque obviamente, só por exceção, e **doentia, alguém iria confessar-se carreirista, pragmatista, cínico ou safado.** O debate deste tema vibrante no bojo da sociedade nacional levará ao reconhecimento de que a civilização americana, representada no Vietnã, estava construída em bases diferentes dos verdadeiros e **eternos valores cultivados durante sua História.**

Em suma, o estudo dos dois professores, no que se refere à problemática geral do fator humano, é apenas meia-verdade. **E como História é a verdade inteiriça,** podemos concluir que para ter efeitos saudáveis na Doutrina, teria ele de ser completado com levantamentos e apreciações sob outra ótica, também do campo histórico muito mais amplo.

O Estado-Maior do Exército, o Centro de Documentação do Exército e a História Militar

O EME, desde sua criação em 1898, **tem demonstrado acreditar no valor da História e da Geografia Militar na formulação e no desenvolvimento da nossa Doutrina, entregando a responsabilidade do seu estudo a alguma ou duas de suas seções (4).**

Nessa linha houve duas interrupções: a de 1938-50 e a que acabou de ser preenchida com a feliz recriação da antiga 5.^a Seção (.hoje SD-3).

Como lição de História, convém explorarmos essas interrupções.

Na década de 1930, o Major Humberto de Alencar Castello Branco cursava a Escola Superior de Guerra da França. Subsidiariamente, foi conhecer o Serviço Histórico do Exército Francês e, como de praxe, relatou por escrito o que viu.

E o que presenciou o futuro Marechal: um serviço de documentação histórico-militar bem organizado, guarnecido por oficiais da reserva, para apoiar a doutrina militar.

Não sabemos em que sentido ou em que medida esse relatório influenciou nas decisões que então foram aqui tomadas. **Sabemos que se criou o Arquivo do Exército, sob a direção do grande historiador que foi o Coronel Jonatas do Rego Monteiro, simpática figura que teve a honra de conhecer, em 1937, no seu gabinete, ainda não definitivo, do órgão que nascia.**

E vimos a extinção da 5.^a Seção e a criação do Serviço Geográfico e Histórico do Exército, sob a idéia de reunir no já tradicional Serviço Geográfico do Exército, a História Militar, a Geografia Militar e a Cartografia.

Foi quando um de nossos amigos deparou, **num barracão do pátio do Quartel-General do Exército, com o arquivo da extinta 5.^a Seção.** No relatório do EME, à véspera da extinção, constava que a **5.^a Seção**, depois naturalmente de um longo esforço de pesquisa, já tinha elaborado um plano para escrever a história militar terrestre, aspiração quase bisecular (5).

Nesse último interregno, apesar da pomposa denominação, o Serviço Geográfico e Histórico do Exército continuou a tratar apenas de suas cartas.

Doze anos depois, restabeleceu-se a 5.^a Seção (História) no EME.

Começava esta, agora, **da estaca zero, pois ninguém conseguiu recuperar aquele valioso arquivo.** O mesmo oficial que o vira num barracão, o hoje General R/I Antônio de Souza Júnior, **começou a organizar a seção a partir, efetivamente, de sua mesa de trabalho e da sua cultura militar.**

Dois ensinamentos permanecem nessa evolução: a de que deve existir uma documentação de apoio e um órgão que estude e elabore informações nesta baseada.

Esses dois ensinamentos basilares estão hoje felizmente aplicados, pois existem a SD-3, no EME, e o Centro de Documentação do Exército.

Há, porém, uma lição negativa que, infelizmente, parece ser freqüente e digna de correção: a evidência da falta de continuidade num esforço que, de modo correto, se afirmava permanente, de 1886 a 1977, quase secular.

Se o Arquivo do Exército, primeiro, depois o Centro de Documentação, que o enquadra, estiveram desvinculados da elaboração e desenvolvimento da doutrina, a causa principal já foi apontada: **falta de pessoal especializado na informação histórico-militar, de nível superior, isto é, com base científica adaurida em curso de graduação, e aumentada com a vivência na História Militar e na documentação da força terrestre.**

Quanto a isso, não podemos, de modo algum, apegar-nos naquele modelo francês, reportado pelo então Major Castello Branco, pois não se pode comparar um oficial francês da reserva com seu colega brasileiro, nem naquela época, nem hoje, tendo em vista as características peculiares de cada Exército e de cada sociedade nacional, enfim.

Já tive ensejo, há cinco anos, de evidenciar para o Estado-Maior, a impropriedade e mesmo a impossibilidade de se colocar oficiais da reserva na área da documentação. Em primeiro lugar, porque, se um oficial fez cursos de graduação e pós-graduação em

História, e a ela dedicou-se profundamente durante sua carreira na ativa, sua evolução profissional ficou prejudicada e, portanto, não deve ser o mais preparado intelectualmente para relacionar a **História com a Doutrina**. Antes de valer-se da documentação, **a Doutrina apela para a vivência do profissional militar**. E é esta vivência, com fundamento prático e teórico-prático, o que ele deve levar para o campo de batalha, conforme muito bem se apreende do célebre dito de Verdugo Duvernois. Daí a dedicação integral que a força armada procura exibir dos oficiais da ativa, muito em especial nestas quadras da **Civilização Industrial** em que as informações militares, como qualquer outra informação, explodiram, exigindo acompanhamento e estudo aprofundado.

Mas a impossibilidade de recorrer a oficiais da reserva decorria, e decorre, de uma realidade inelutável: os bons oficiais da reserva, eventualmente aproveitáveis, estavam e estão sendo atraídos por funções ou ocupações tentadoras da vida civil. E, se encontrássemos oficiais da reserva para operar o sistema de documentação, não seriam, por certo, os mais indicados para dar aos documentos o tratamento conveniente, em função da elaboração e desenvolvimento da doutrina. Isso requer, além de base filosófica, **espírito científico orientado para a História**, o qual supõe a existência obrigatória de inclinação natural, sólida formação e integral dedicação. Esta se configura através de um tempo entre 25 e 50 anos da vida de um historiador, período que não coincide com o de atividade restante de um oficial da reserva.

Reporto-me, novamente, ao exemplo norte-americano. **Nos Estados Unidos, os oficiais de estado-maior dizem aos historiadores militares — universitários civis, geralmente — quais as necessidades em História Militar; e o "scholar," já senhor do assunto, através de aprofundado e longo estudo, faz o trabalho exigido.**

Quem lê periódicos militares norte-americanos deve lembrar-se de excelentes monografias histórico-militares que neles costumam aparecer, firmadas por esse tipo de pesquisador ou estudioso civil.

Aqui, com o tempo, poderemos chegar ao mesmo resultado, pois vocações não faltam, sobretudo se nos lembrarmos sempre que temos uma população enorme, da qual mais da metade naquela faixa ideal para a formação e a produção intelectual.

A questão crucial está em descartarmos-nos de frases feitas ou idéias preconcebidas errôneas, do tipo "**não há condições de defender o Nordeste diante de poderosa invasão por mar**". Depois disso, é preciso começar, inovar, renovar e, acima de tudo, persistir, pensando sempre no ensinamento negativo da proverbial descontinuidade no trato do relacionamento **História-Doutrina**, em especial no âmbito deste Estado-Maior.

Relembro que nada de sólido se constrói em tudo na vida, e assim em Doutrina, se não se estabelecer, previamente a base filosófica para a edificação. É o que a Escola Superior de Guerra diz através da linha: **Filosofia, primeiro, Teoria em segundo, Doutrina depois, Manuais finalmente**. A Filosofia da História e a Teoria da História devem ser, pois, dominadas pela SD-3, sempre com vistas ao caso brasileiro e ao nosso Exército muito em especial.

A transmissão da experiência

O essencial da minha experiência aí está. E é ela que me anima a pedir algo mais do que a meditação permanente nas lições da História: façam dar aos valores morais do combatente a cor e a vida dos valores espirituais eternos da Nacionalidade Brasileira.

NOTAS

- (1) Condecorações por ato de bravura comprovado.
- (2) Contida no relatório do Prof. Georges Anderla, Information in 1933, feito por solicitação da O.E.C.D.
- (3) Savage, Paul L. & Gabriel, Richard A. Coesão e Desintegração no Exército Norte-Americano/Uma perspectiva alternativa. **A Defesa Nacional**, 675:119-153, Jan-fev 1978. Trata-se de tradução de um artigo publicado em Armed Forces and Society. vol 2, nº 3, 1976.
- (4) Ver Resumo Histórico do EME — 1896-950.
- (5) Resumo no trabalho referenciado em (4).



Foto homenagem ao Cel Francisco Ruas Santos que aparece nesta foto em 2009, a direita de terno claro. Cerimônia de agradecimento de personalidades com a Medalha do Mérito Militar Terrestre do Brasil da FAHIMTB nos graus de Comendador, Oficial e Cavaleiro. Da esquerda para direita, acadêmicos cel Luiz Carlos Carneiro de Paula, Marcelo Peixoto, Capitão Mar- e- Guerra Carlos Norberto S. Bento, criador e administrador do site da hoje FAHIMTB www.ahimtb.org.br, Acadêmicos Cel Ernesto Caruso, Cel Darzan Neto da Silva, Gen Ex Gilberto Figueiredo, Presidente do Clube Militar, Cel Claudio Moreira Bento, Presidente da FAHIMTB, Gen Domingos Ventura, Cel Jose de Sá Martins, Cel Nilton Freixinho, Cel Amerino Raposo Filho, Cel Francisco Ruas Santos e atrás Acadêmicos coronéis João Ribeiro de Souza (óculos escuros) e Cel José Spangberg Chaves. Nos últimos 7 anos a História Militar perdeu os seus historiadores Gen Ventura, coronéis Nilton Freixinho, Ruas Santos, João Ribeiro de Souza, Os que aparecem sem a medalha já haviam sido agraciados antes.

Nosso comentário em fevereiro 2017 decorridos 47 anos

Conhecemos o Cel Francisco Ruas Santos em 1971 em comentário estimulante de meu primeiro livro **As Batalhas dos Guararapes** e de igual modo dos general Aurélio de Lyra Tavares e Carlos de Moura Matos e de ilustres intelectuais como Pedro Calmon, Gilberto Freyre, Câmara Cascudo, Mauro Mota Creio que a isto se deva a minha transferência para o Estado-Maior do Exército, para integrar a **Comissão de História do Exército do Estado-Maior do Exército (CHEB)** que substituiu a extinta **Seção de**

História e Geografia Militar de EME e que recebeu o precioso acervo daquela seção que foi extinta para dar lugar a 5ª Seção , com braços nos I,II,III e IV exércitos, e tendo sido Chefe da 5ª Seção do IV Exército

A palestra do Cel Ruas em análise foi antes das seguintes realizações da CHEB. **Desenvolvimento da Teoria da História de Exército, ou Sistema de Classificação de Assuntos de História das Forças Terrestres Brasileira**, à luz do qual foi classificado o acervo de História recebido da extinta **5ª Seção de História e Geografia do EME**.

Projeto, pesquisa e desenvolvimento da **História do Exército Brasileiro – Perfil Militar de um Povo**, contribuição do Exército as comemorações em 1972 do **Sesquicentenário da Independência** na qual nas minhas diversas funções relacionadas com **Projeto História do Exército** como major de participamos como historiador convidado pelo Chefe do EME para apresentar nossa versão das **Guerras Holandesas**, as qual digitalizamos do v.1 da História do Exército Perfil Militar de um Povo e as disponibilizamos em Livros e Plaquetas no site da FAHIMTB www.ahimtb.org.br, no título **Exército Brasileiro**.

No Jornal **Correio Brasiliense** e a seu convite, elaboramos a edição histórica de **21 de abril de 1972**, inicio das comemorações do Sesquicentenário da Independência nele abordando a **História do Exército** em Brasília, com destaque para o Batalhão da Guarda Presidencial e o Regimento Dragões da Independência de Brasília , o último sob o título **Uma testemunha dos grandes momentos de nossa História** e a síntese biográfica de Hipólito da Costa, tão ligado à vida militar através de seu pai, seu tio capelão Militar de Colônia do Sacramento e seus filhos um, na Marinha do Brasil e outro e descendentes integrando o **Exército Inglês**.

Desenvolvemos o Projeto relativo ao desenvolvimento da iconografia do Exército, com o concurso de aquarelistas contratados pelo EME.

Fomos o executivo do **Projeto Arquivos 1** executado por bibliotecários vindos de diversos Estados, aos quais o Cel Ruas ministrou o **Curso de Pesquisadores da História das Forças Terrestres do Brasil** para levantarem os arquivos municipais e conscientizar as autoridades responsáveis por eles da sua importância dentro do princípio de que **“Sem documento não há História”**. Este curso foi muito válido para mim como historiador militar e com orgulho fui diplomado pelo Chefe do Estado-Maior como **Pesquisador de História das Forças Terrestres do Brasil**.

Para mim foi mais fácil absorver noções de Biblioteconomia e de Arquivologia. O último em Curso no modelar **Arquivo Histórico da Câmara de Deputados**.

Para os bibliotecários foi difícil absorver a nomenclatura militar ,por completa falta de vivência militar.

Julgo que o **Curso e a Operação de Arquivos 1** com a parceria do **Projeto Rondon** valeu como conscientização das autoridades por ele responsáveis por sua preservação.

Trabalhamos na elaboração do **Regulamento do Centro de Documentação de Exército**, que em realidade não correspondeu na prática a idéia do Coronel Ruas e ao _ próprio regulamento.

A documentação recebida pelo CHEB e por ela classificada à luz da **Teoria de História do Exército**, foi reclassificada por bibliotecárias ao Centro de Documentação, e assim perdido um grande trabalho. Creio que efetivamente o **Centro de Documentação**

só contribuiu efetivamente para a **História do Exército**, sob a direção do historiador e ex-instrutor de História Militar na AMAN, o Cel Inf QEMA Manoel Soriano Filho, quando as grandes unidades e unidades do Exército passaram a ter denominações Históricas. Foi o Coronel Soriano que inaugurou a cadeira em vida do Cel Ruas. Ruas Santos.

Na CHEB/EME fomos encarregados, com apoio no ARQUIVO DE SLIDES que ela desenvolveu elaboramos exposições contando sinteticamente ensaios das histórias do Exército ,da Infantaria e da Artilharia. Em 1974, na minha chefia interina na CHEB ela foi extinta de maneira que foi me duro aceitar. Mas prefiro não comentar!.

Então com o apoio de meu antigo comandante no 1º Batalhão Ferroviário Cel Dirceu de Araújo Nogueira, que havia me trazido para EME e me designado para a CHEB, conseguiu minha transferência para o DEC, de onde fui cursar o ESNI 1975 e a seguir servir no EM/II Ex 1976-1978.na capital paulista E em 1978 indicado pelo Gen Ex Dilermando Monteiro Cmt do II Ex fui classificado na AMAN como seu instrutor.

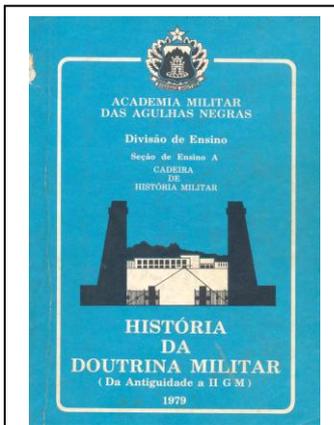
E nas conversas com Cel Ruas, que fora o instrutor de **História Militar na AMAN** à luz dos Fundamentos da Arte e Ciência Militar, com influência do Marechal Castello Branco,ambos com cursos nos EUA e veteranos da FEB , ele me falava: “Bento, eu dei uma dose cavalari de História Militar aos meus cadetes através de diversos livros que produzi e foram ,editados pela Editora Acadêmica, creio que eu deveria ter dosado melhor e compatibilizado com a capacidade de absorção pelos cadetes desses conhecimentos.Este assunto desenvolvo com mais detalhes em documento intitulado O ENSINO DE HISTÓRIA MILITAR NA AMAN EVOLUÇÃO -ATUALIDADE disponível em Libros e Plaquetaa no site da FAHIMTB www.ahimtb.org.br em ASSUNTOS MILITARES e cópia colocada em caixa azul intitulada **DOCUMENTOS IMPORTANTES DA FAHIMTB**

E cheguei na AMAN em 1978 como historiador consagrado e premiado.E fomos procurado pelo Cel Lima Fajardo **CHEFE DA SD 5 HISTÓRIA DO EME**, e ele me falou:

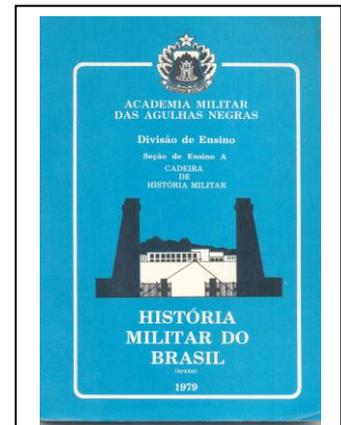
” Bento fui nomeado **Chefe da SD-5 (Seção de História da EME)**, mas lá não tem livros nem pesquisadores. Peço que a **Cadeira de História** nos ajude e façam algumas pesquisas para o **Estado-Maior do Exército**. E o Chefe da Cadeira Cel Inf Ney Sales, ,cadeira constituída na época de instrutores de História Militar com curso da ECEME,no exercício de funções privativas de oficias com curso da ECEME, consultou-nos e a cadeira concordou e decidiu pedir como contrapartida o patrocínio pelo **Estado-Maior do Exército** para a publicação das seguintes obras didáticas com apoio em excelentes trabalhos das equipes que nos antecederam. E a nós foi confiada como historiador militar consagrado e premiado a coordenação e a edição das seguintes obras:

História da Doutrina Militar – Da Antiguidade à IIGM

História Militar do Brasil 2v (textos e mapas)



Obras de responsabilidade sobre os textos de História dos tenentes coronéis QEMA Ney Sales, Claudio Moreira Bento e Sergio Marcondes Monteiro e, a parte de Redação e Estilística pelos tenentes coronéis Professores ME,Nei Paulo Panizzutti e Manoel Brito, Comissão nomeada pelos BI nº 142 de 27 Jul e o nº 150 de 8 agosto de 1978.Evolução da Arte da Guerra foi substituída por História da Doutrina Militar.



Estes livros conhecidos pelos cadetes como **azulinhos** serviram ensino de História Militar na AMAN, até 1999, tendo como Chefe da Cadeira de História Militar o Cel Art Muniz Costa, que com o apoio do Diretor da Biblioteca do Exército Cel Art. foram republicados os livros do Gen Cordolino de Azevedo e o livro do Cel Ruas **Arte da Guerra**

Os trabalhos em foco fora elaborados tendo em vista a Diretriz do Estado-Maior para as Atividades de História do Exército;

“ **As Atividades no Exército no campo da História Militar tem os seguintes objetivos:**

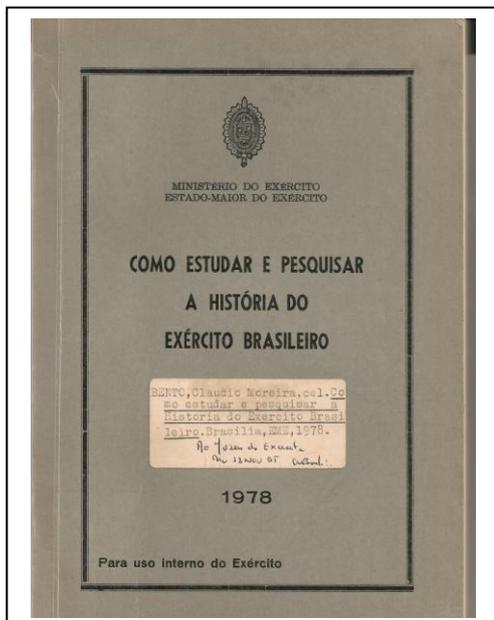
Contribuir com subsídios para a formação dos Quadros e da Tropa

Contribuir com subsidios para desenvolvimento da doutrina militar das Forças Terrestres Brasileiras

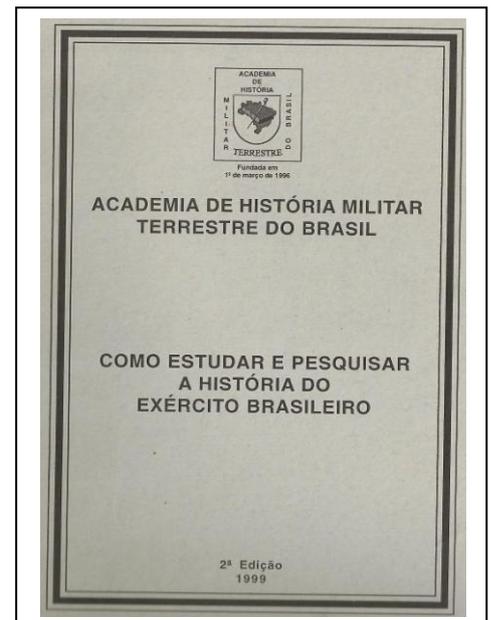
Preservar e divulgar o Patrimônio Histórico e cultural do Exército”

Contribuir com subsídios para a instrução dos Quadros e da Tropa e para o desenvolvimento da Doutrina e tarefa a cargo da **História Militar Crítica**, a **luz dos Fundamentos da Arte e Ciência Militar**, Fundamentos de que demos exemplos no **Livro História Militar do Brasil** no Capítulo 1 que enriquecemos com nossos trabalhos **Guerras Holandesas** em especial as **Batalhas dos Guararapes**, a **Reconquista da Vila de Rio Grande-RS aos espanhóis em 1º de Abril de 1976** e a **Batalha do Passo do Rosário** todos com nossas soluções à luz dos **Fundamentos da Arte e Ciência Militar**. Assuntos que antes da vinda para AMAN, havíamos desenvolvido os analisando pioneiramente a Luz dos Fundamentos da Arte e Ciência Militar .

E abaixo capas do nosso manual como **Estudar e pesquisar a História do Exército Brasileiro**. Edições pelo Estado-Maior do Exército de 1978 e 1999 e distribuídos as AMAN, EsAO, ECEME e a FAHIMTB pelo Estado-Maior do Exército.



O Manual a direita disponível em Livros no site da FAHIMTB, e aborda nos capítulos 1-História um entedimento, 2-História Militar ou da Doutrina Militar. 3-Um pouco de História do Exército. 4-Fundamentos de Pesquisa e Estudo Crítico da História Militar. 5-Temas de Emprego do Exército, para a Pesquisa e Estudo Crítico, para formar o combatente e desenvolver a Doutrina. 6- Metodologia de estudo e pesquisa de História Militar. 7- Onde estudar e pesquisar a História do Exército e Apêndices



E durante a minha vida militar desde 1971 no IV Ex (atual CMNE) desenvolvi um grande acervo de **História Militar Terrestre do Brasil** sobre as Forças Terrestre do Brasil (Exército, Fuzileiros Navais, Infantaria da Aeronáutica, Polícias e Bombeiros Militares) doe a AMAN em **Boletim Especial 002 de 17 de novembro de 2014**, contendo a ressalva que todos os carimbos em azul. **CEL BENTO AHIMTB DOADO A AMAN** integram o acervo doado a AMAN

História Militar Terrestre crítica á luz dos Fundamentos da Arte e Ciência da Guerra e o que o Cel Ruas chamava de **História Científica** e é a que responde a Diretriz do EME para as atividades de História no Exército no que se refere as seguintes atividades:

Contribuir com subsídios para a formação dos Quadros e da Tropa

Contribuir com subsídios para desenvolvimento da doutrina militar das Forças Terrestres Brasileiras

Tarefas, em princípio, de responsabilidade de todos os profissionais do Exército, mas em realidade de profissionais com vocação e prazer para esta complexa e muito trabalhosa atividade relevante **a serviço do desenvolvimento progressivo da Doutrina do Exército Brasileiro , com apoio em sua experiência operacionais em Lutas Internas e Externas de mais de 5 séculos.**Tarefa relevante na qual os três citados livros eram usados para iniciar os cadetes nesta atividade, da qual se esperava a revelação de vocações de **historiadores militares críticos, pensadores e planejadores militares terrestres e, em especial os futuros comandantes de nossas Grande Unidades** para o exercício destas atividades relevantes para o desenvolvimento da Doutrina do Exército Brasileiro. Tarefa que também se liga a esta atividade, no tocante **a preservação do Patrimônio Cultural do Exército**, ou seja o resultado da análise militar crítica sistemática de todo o seu passado militar, numa APA (Análise Pós Ação), que substituiu a palavra CRITICA DE UMA MANOBRAS.

“Preservar e divulgar o Patrimônio Histórico e cultural do Exército”

No tocante a preservação e divulgação do Patrimônio Histórico do Exército, e atividade que vem sendo praticada intensamente no Exército, como atividade de todos os seus integrantes ,como por exemplo a criação do **Museu Histórico do Exército** projeto que a nos foi confiado como **Diretor do Arquivo Histórico do Exército**,ao recebermos a missão de coordenar uma comissão de autoridades civis notáveis, em museus, pinturas e fortificações ,para indicar o local ideal para o Exército colocar o **Museu do Exército** o qual a Comissão indicou o **Forte de Copacabana** ao Ministro do Exército o Gen Ex Leônidas Pires Gonçalves , que a aprovou. E hoje é uma realidade notável e procurado por turistas em geral que passam a conhecer a História do Exército, ao visitarem os salões IMPERIO e REPUBLICA DO MUSEU DO EXÉRCITO e a própria FORTALEZA

E os três livros citados oferecem condições para profissionais militares interessados em **Análises Militares Críticas, ou APAS de nossas Lutas internas e externas, fazerem análises das mesmas, á luz dos fundamento de crítica da Arte e Ciência Militar ou a ARTE DO SOLDADO BRASILEIRO e , da TEORIA DE HISTÓRIA DO EXÉRCITO.** Subsídios disponíveis para serem usados pelo EME para o desenvolvimento da Doutrina e para o **DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E CULTURA do EXERCITO** serem incorporados a Instrução e ,Ensino quando bem restauradas por profissionais historiadores em princípio formados em História , e com apoio em **FONTES DE HISTÓRIA PRIMÁRIAS FIDEDIGNAS,AUTÊNTICAS e INTEGRAS** . Mas no Brasil profissionais civis são raros com interesse em resgatar com fidelidade eventos de nossa História Militar.

Por exemplo : Da análise crítica de nossa História Militar chegamos a conclusão do Brasil haver preservado sua **SOBERANIA e INTEGRIDADE** a base da Guerrilha “ **A ESTRATÉGIA DO FRACO CONTRA O FORTE**”da qual resultou a **GUERRA BRASÍLICA** que terminou por expulsar os invasores do Nordeste, **A GUERRA À GAUCHA.** que expulsou os espanhóis do Rio Grande do Sul em 1776 e definiu o seu destino brasileiro e, a **GUERRA FLUVIAL** do Capitão Pedro Teixeira que conquistou a **AMAZÔNIA BRASILEIRA** e definiu o seu destino brasileiro que complementado pelas guerrilhas de **Plácido de Castro** que definiu destino

brasileiro do Acre e a do General “**Cabralzinho**” que ajudou a definir o destino Brasileiro do AMAPÁ. E sem esquecermos o Duque de Caxias, patrono do Exército e da FAHIMTB que pacificou o MARANHÃO e o RIO GRANDE DO SUL usando guerrilhas legais, contra guerrilhas em revolta, por entregar a execução da Tática a oficiais guerrilheiros, como no **Rio Grande do Sul ,O Ten Cel Francisco Pedro de Abreu O Moringue e o General Bento Manoel Ribeiro** conforme abordei em meu livro **O EXERCITO FARRAPO E OS SEUS CHEFES**.Rio de Janeiro: BIBLEx, 1992.2v hoje disponível em Livros e Plaquetas no site da FAHIMTB www.ahimtb.org.br. em CONFLITOS

Em teoria cabe ao civil formado em História , realizar a regaste por exemplo de uma luta Interna o Externa com o apoio de FONTES HISTÓRICAS PRIMÁRIAS,por FIDEDIGNAS, AUTÊNTICAS E INTEGRAS. Feito o resgate completo de determinada luta ,cada especialidade , médico, engenheiro advogado etc fazer a uma análise crítica á luz dos fundamentos de crítica de sua profissão de igual forma que nos os militares.

No passado grandes historiadores brasileiros faziam o resgate histórico de partes da História do Exército como os militares generais **Tasso Fragoso, Raul Silveira de Mello, Aurélio de Lyra Tavares,Francisco de Paula Azevedo Pondé, Emílio Fernandes de Souza Docca, Tristão de Alencar Araripe,João Borges Fortes,Jonas de Moraes Correia Filho,Carlos de Meira Mattos** e os coronéis Jonathas Rego Monteiro, Francisco Ruas Santos e Alfredo de Taunay.E na categoria de pensadores militares **O Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco**, e os coronéis **Amerino Raposo Filho** e o **Cel Francisco Ruas Santos** e creio ,salvo melhor juízo ,onde também entro.E como historiadores civis com obras contemplando a História Militar como o Visconde Porto Seguro, **Barão do Rio Branco, Pandiá Calogeras Gustavo Barroso, Hernani Donato , Adilson Cezar e incluiria o Cel PMSP Edilberto Oliveira Mello**.O cel Ruas Santos se caracterizou pelo projeto ,pesquisa profunda e coordenação da **História do Exército Brasileiro –Perfil Militar de um povo** em como **história descritiva**, salvo algumas exceções e não **científica** que para min trata-se de **História Militar Crítica a Luz dos Fundamentos da Ciência e da Arte Militar, a história de interesse fundamental do profissional militar** , pelos erros e acertos do nosso Exército, e essencial para o progressivo desenvolvimento da Doutrina do nosso Exército visando aumentar a cada dia o **seu poder militar defensivo dissuasório**.O Coronel Ruas com enorme esforço de pesquisa conseguiu estabelecer a **Teoria de História do Exército Brasileiro**, tarefa para a qual o ajudamos, como seu adjunto. Cel Ruas defensor da necessidade das revistas do Exército possuírem índices, como por exemplo sua alentada obra **Coleção Bibliográfica Militar** em 1960, o seu índice da **Revista a Defesa Nacional** e o da **Revista da AMAN** que me ofertou e hoje os doe a AMAN, além de efemérides da AMAN.Publicou **Fontes para o estudo da História da FEB** em 1958 e em 1959 antes de ser instrutor de História na AMAN **Ensaio e Estudos Militares**, e diversas publicações notas de aula publicadas pela Editora Acadêmica .Muito aprendemos com o Cel Ruas e procuramos dar continuidade ao seu LEGADO . Sua biografia foi abordada pelo historiado militar Cel Manoel Soriano Filho e disponível no

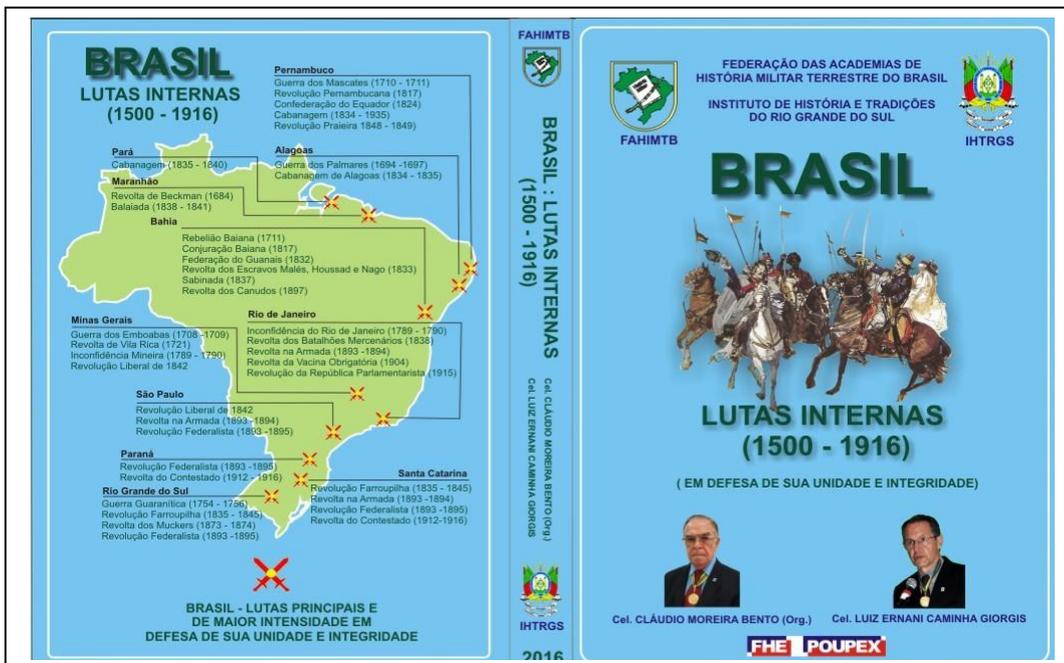
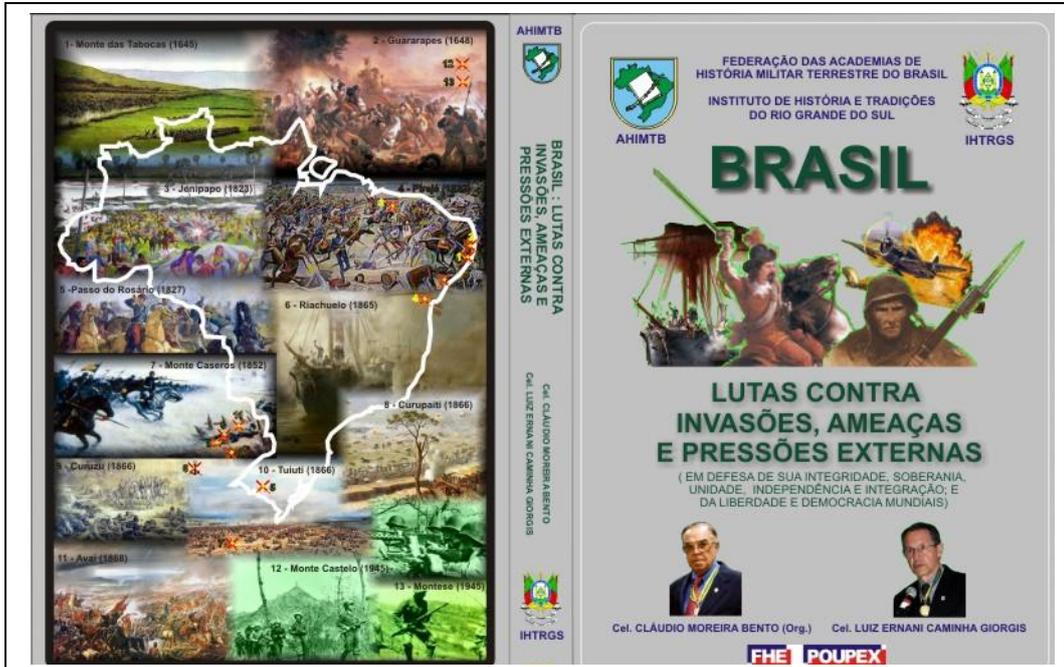
Nos apropriando do pensamento de Saint- Exupery em **O Pequeno Príncipe** E ousando em relação ao trabalho do Cel Francisco Ruas Santos diríamos,

“ O futuro do Exército ,não é um lugar para onde estamos indo, mas um lugar que se esta criando. O Caminho para o futuro não é encontrado. Mas construído. É o ato de construí-lo e o ato de fazê-lo mudar, tanto o realizador, como o destino”

E para construir este futuro **é fundamental a História Militar critica** a que o Coronel Ruas muito contribui com suas pesquisas e por via de consequência também o meu trabalho, em continuidade ao do Cel Ruas .História Militar Crítica de grande importância para um Exército

conforme registram grandes cabos de guerra. Inclusive o Duque de Caxias com o seu exemplo e pioneirismo. E como homenagem ao Cel Ruas ao seu grande esforço como historiador e pensador militar brasileiro, recorro este pensamento de Saint Exupery.

‘Aqueles que passam por nós, não vão sós. Deixam em nós um pouco de si e levam um pouco de nós’ E creio que o Cel Ruas me deixou e no Exército um pouco de si, como nos livros a seguir ambos levaram um pouco de nós.



Livros que como dicionários da Lutas Internas e Externas do Brasil 1500-Atualidade que ajudarão a a construir o futuro do Exército Brasileiro e, disponíveis para serem baixados no site da FAHIMTB www.ahimtb.org.br em Livros e plaquetas . Site criado e administrado por meu filho Capitão de Mar-e -Guerra Carlos Norberto Stumpf Bento, autor das expressivas capas acima. Livros que levam muito dos que nos antecederam dedicados a História Militar Crítica do Exército, à luz dos Fundamentos da Arte e Ciência Militar e levarão muito de min e do Cel Caminha e de meu filho para a construção progressiva do futuro do Exército Brasileiro e das Forças Terrestre do Brasil , cujas histórias a FAHIMTB desenvolve a 21 anos.